

## Agricultura urbana e periurbana na Namíbia

S.J. Dima - [sjdima@hotmail.com](mailto:sjdima@hotmail.com)

A.A. Ogunmokun

Departamento de Economia Agrícola e Extensão

Universidade da Namíbia

Na Namíbia, a urbanização está alcançando taxas explosivas desde a independência, em 1990, como consequência da intensa migração da população rural para as áreas urbanas em busca de emprego. Sendo o país mais seco da África, a base agrícola da Namíbia é fraca, e a maior parte das hortaliças vendidas nos centros urbanos da Namíbia é importada da África do Sul. Apesar disso, atividades intensas de agricultura urbana estão ocorrendo, tanto em escala comercial quanto em plantios de fundo-de-quintal, nos espaços abertos disponíveis e ao longo do curso de rios.

Há muito pouca informação disponível sobre esse tipo de agricultura na Namíbia. Foi portanto realizado um estudo para coletar, sintetizar e analisar toda a informação disponível em duas municipalidades da Namíbia: Windhoek e Oshakati (1). O estudo relatado aqui consistiu de um estudo da literatura e dos dados já coletados e de pesquisas de campo (ver Dima e Ogunmokun, 2001; e Dima e outros, 2002) entre abril e maio de 2001. Foram entrevistadas 244 pessoas (101 em Windhoek e 143 em Oshakati). Em Windhoek, a amostra foi selecionada de sete assentamentos informais localizados ao norte e ao oeste, enquanto que em Oshakati, a amostra foi selecionada de seis áreas variadas da cidade. É preciso enfatizar que a pesquisa concentrou-se nas áreas de assentamentos informais em Windhoek, enquanto que em Oshakati espalhou-se por bairros com perfis mais diversificados.

### A agricultura urbana na Namíbia

Lau e Reiner (1993) relataram que, aproveitando-se das boas estações chuvosas, a produção e a venda de alimentos, por pequenos agricultores, dentro e ao redor das áreas urbanas da Namíbia, já existiam muito antes da era colonial. Em 1931, a produção local de hortaliças atendia quase 42% do mercado anual de alimentos frescos. Entretanto, os governantes da África do Sul decidiram cortar o apoio técnico e de pesquisa que esse país prestava à Namíbia. Além disso, eventos relacionados com a incorporação planejada da Namíbia como a quinta província da República Sul Africana resultou em mudanças políticas, entre 1968 e 1970, que prejudicou severamente a produção de hortaliças nas áreas urbanas e periurbanas do país. Em 1973, o Diretor de Agricultura para a região sudoeste da África declarou que a "Namíbia era dependente, em aproximadamente 90%, da África do Sul com respeito a hortaliças" (Lau e Reiner, 1993).

Imediatamente depois da independência, o novo governo deu pouca prioridade à produção hortícola, preferindo concentrar esforços na criação de gado e na agricultura em áreas áridas. Porém, a taxa continuada de urbanização e a falta de oportunidades de geração de renda para os imigrantes recentes que chegavam às áreas urbanas resultaram em uma mudança no

modo como o governo vê hoje a horticultura. Além disso, a Namíbia ainda depende pesadamente da África do Sul, que abastece cerca de 80 a 90% do seu consumo total de frutas e hortaliças (MAWRD, 1996). Assim sendo, com o objetivo de melhorar os hábitos alimentares da população local e de reduzir as importações da África do Sul, o Ministério da Agricultura, Água e Desenvolvimento Rural (MAWRD), por meio da "Iniciativa de Desenvolvimento Hortícola da Namíbia" está apoiando várias projetos para melhorar a produção vegetal. Mesmo assim, ainda não existe nenhuma política consistente de apoio à agricultura urbana e periurbana.

### **Migração, propriedade da terra e seu controle**

Os resultados da pesquisa mostraram que 2/3 dos pesquisados são pessoas jovens, com idade entre 21 e 40 anos (66,3%), e solteiros em sua maioria (58%), sendo ainda 23,4% deles casados oficialmente e 13,5% informalmente. Esses números confirmam os padrões migratórios no país. A maior parte dos pesquisados em Windhoek (82%) mudou-se recentemente para seus lotes atuais. Isso confirma a alta taxa de migração para Windhoek nos últimos seis anos. Considerando-se Windhoek e Oshakati em conjunto, 48% dos pesquisados possuíam suas casas, enquanto que 52% eram posseiros. Mais pessoas das pesquisadas em Windhoek (72%) possuíam suas casas do que em Oshakati (31%). Em Windhoek, 66% dos pesquisados obtiveram seus lotes da municipalidade, e os restantes 34% por outros meios, enquanto que, em Oshakati, 51% conseguiram seus lotes através de dos chefes tribais locais e 47% por meio da municipalidade.

Em Windhoek, os homens (63%) têm mais controle sobre a terra do que as mulheres (17%), enquanto que em Oshakati há mais equilíbrio entre homens e mulheres, refletindo talvez uma atitude mais liberal dos homens dessa cidade. Geralmente, há a propriedade em conjunto da terra (20% e 64%), das ferramentas (35% e 51%) e da produção (48% e 45%) em Windhoek e em Oshakati respectivamente. Entretanto, em Windhoek os homens estão mais no controle do dinheiro (39%) do que as mulheres (16%). Infelizmente, em Oshakati não foram colhidos dados comparáveis.

### **Envolvimento com agricultura urbana**

Em Windhoek, as principais fontes de renda para os chefes-de-família são emprego em companhias privadas (48%), emprego no governo (18%) e auto-emprego (17%). A maioria (35%) das esposas dos pesquisados em Windhoek não está empregada. Verificou-se que 9% das esposas auferem renda com atividades agrícolas urbanas. Em Oshakati, 35% dos chefes-de-família estão empregados no governo, 19% em companhias privadas, 13% dedicam-se à agricultura urbana e periurbana, e 8% são autônomos. Entretanto, a fonte de renda mais importante para as mulheres em Oshakati é a agricultura (21%).

Em Windhoek, 79% de todos os entrevistados nos assentamentos informais estão envolvidos com agricultura urbana de algum modo: 72% apenas cultivam; 5% cultivam e criam animais; e 2% apenas criam animais. Em Oshakati 70% estão envolvidos com agricultura urbana: 50% apenas cultivam; 13% cultivam e criam animais; e 7% apenas criam animais.

As mulheres constituem a maioria entre os agricultores urbanos (54% em Windhoek e 58% em Oshakati). A proporção de homens agricultores é maior em Windhoek (31%) do que Oshakati (13%). Uma proporção mais alta dos demais membros das famílias envolvidos em atividades agrícolas é maior em Oshakati (29%) do que em Windhoek (15%). A maior parte dos outros agricultores em Oshakati (22%) são estudantes que aprenderam a plantar em suas escolas. Mais de 80% dos pesquisados começaram suas hortas de iniciativa própria, sem qualquer influência ou estímulo externo. Esses pesquisados também tinham experiências com horticultura adquirida nas áreas rurais onde viveram antes de se mudarem para Windhoek ou Oshakati.

A principal razão para a prática da agricultura urbana é fornecer alimentos para os membros da família (Tabela 1). A maioria dos pesquisados afirmou que eles produzem hortaliças apenas durante o verão, para aproveitarem as chuvas de verão (90% em Windhoek e 72% em Oshakati).

**Tabela 1: Razões para cultivar hortaliças**

	em Windhoek			em Oshakati		
	% de homens	% de mulheres	% total	% de homens	% de mulheres	% total
Número =	28	50	78	18	72	90
Alimentação	100	100	100	100	100	100
Renda extra	11	14	13	6	19	17
Emprego	4	12	9	11	3	4
Lazer	18	4	9	44	31	33

Origem: dados da pesquisa

### Produção

Ficou demonstrado que a água é um sério fator limitante para a agricultura urbana. Muitos agricultores (91% em Windhoek e 57% em Oshakati) usam água encanada como principal fonte de água, provavelmente aproveitando a tarifa fixa para os usuários independentemente da quantidade d'água consumida. Mas nos últimos dois anos, as duas municipalidades passaram a cobrar pelo volume de água consumido, o que vem reduzindo o número de produtores que usam água encanada para cultivar suas hortaliças. Em Windhoek, 77% dos entrevistados consideram o uso de águas servidas inapropriado para o cultivo, enquanto que em Oshakati essa proporção é de apenas 43%.

Mais pessoas em Oshakati usam fertilizantes do que em Windhoek (52% e 33%, respectivamente). Em Windhoek, a forma mais usual de fertilizar os plantios é a aplicação de lodo fecal digerido das estações de tratamento do Gammans Water Works. Seu uso é uma indicação de que as pessoas não têm nenhum problema de saúde ou cultural relacionado com o uso de fezes humanas como adubo. As outras fontes de adubação são o lixo doméstico, estrume animal e adubos químicos. Em Oshakati, 23% dos produtores usam estrume animal fresco, seguido por composto, lixo doméstico, adubo inorgânico e estrume curtido, nesta ordem. Não existe diferenciação de gênero no uso de fertilizantes nas duas cidades. Entretanto, verificou-se que mais mulheres do que homens usam composto para adubar os seus plantios.

Os produtores urbanos e periurbanos cultivam uma grande variedade de hortaliças e frutas. O cultivo mais comum em ambas as cidades é o milho verde (88% de todos os produtores urbanos em Windhoek e 70% em Oshakati). Isso é surpreendente considerando-se que o milho requer um mínimo de 500 mm de água, enquanto que a precipitação pluvial anual média em Windhoek é de apenas 280mm e cerca de 400mm em Oshakati. Apesar disso, a maior parte dos produtores urbanos prefere cultivar milho e usar irrigação para complementar a chuva. Outros cultivos comuns em ambas as cidades são: feijão (42%), tomate (41%), abóbora (26%), melancia (24%), batata-doce (23%) e pimenta (17%). A principal razão para a produção de hortaliças é o consumo próprio, para aumentar a segurança alimentar familiar e melhorar a situação nutricional. Os produtos excedentes são dados de presente ou vendidos para gerar alguma renda. Depois do milho, os produtos mais comercializados são o tomate e a pimenta, em Windhoek, e as frutas e cana-de-açúcar em Oshakati. A maior parte dos agricultores que vendem produtos o faz para ganhar uma renda extra. Nenhum dos pesquisados em Oshakati depende da agricultura urbana como seu principal emprego, mas em Windhoek esse é o caso de 6% dos homens e 2% das mulheres.

Poucos agricultores urbanos estão envolvidos com a criação de animais (6% em Windhoek, 24% em Oshakati). Os tipos de animais mais frequentemente criados são galinhas, cabras e perus. Alguns porcos e vacas também foram encontrados em Oshakati, mas ninguém se apresentava como proprietários desses animais - talvez por que os seus donos estão conscientes das leis que proíbem esses animais nas áreas urbanas.

## Obstáculos à agricultura urbana e periurbana

Os agricultores urbanos e periurbanos enfrentam vários problemas, que incluem a escassez de água, as pragas agrícolas e o roubo de produtos. Outro problema importante enfrentado pelos produtores é a falta de informações com respeito à produção de hortaliças em geral, e mais especificamente orientação sobre como usar melhor a água, como reconhecer pestes e doenças (e como combatê-las), e como melhorar os métodos de comercialização dos produtos. Isso se deve principalmente à ausência de serviços de extensão agrícola para os produtores urbanos. A expectativa dos produtores de Windhoek (67%) e de Oshakati (41%) é ampliar suas áreas de cultivo com hortaliças. A ausência de uma política nacional de agricultura urbana e periurbana continua sendo um obstáculo muito importante.

## Recomendações

A agricultura urbana e periurbana é praticada por cerca de 70% dos moradores de Windhoek e de Oshakati. Muitos governos na África Meridional e Oriental, incluindo Etiópia, Malawi, Quênia, Tanzânia, Uganda, Nigéria, Zaire e Zimbábue estão criando agências para gerenciar a agricultura urbana. A ausência de uma política apropriada relacionada à agricultura urbana e periurbana na Namíbia é uma séria limitação para sua intensificação e desenvolvimento.

É portanto recomendável que o Ministério da Agricultura, Água e Desenvolvimento Rural, em parceria com as prefeituras e com os ministérios do Meio Ambiente, do Turismo e da Habitação, e com outros interessados, produza uma política pública voltada para a agricultura urbana e periurbana. Além disso, é recomendável que os pequenos produtores sejam estimulados e apoiados para se organizarem em cooperativas de produtores de modo a poderem operar nos grandes mercados urbanos.

---

## Notas

1) O relatório completo deste estudo está disponível em [www.ruaf.org](http://www.ruaf.org)

---

## Referências

- Dima S. J. and Ogunmokun A. A. 2001. An overview of socio-economic and gender aspects of urban and periurban agriculture in the city of Windhoek. In Baudoin W. and Vink, N. (editors): Proceedings, Department of Agricultural Economics, University of Stellenbosch and Food and Agriculture Organization of the United Nations, Rome.
- Dima S. J., Ogunmokun A. A. and Nantanga. 2002. The status of urban and periurban agriculture, Windhoek and Oshakati, Namibia. [ftp://ftp.fao.org/sd/sdwww/nam\\_periurban\\_02.pdf](ftp://ftp.fao.org/sd/sdwww/nam_periurban_02.pdf)
- Lau and Reiner 1993: 100 years of Agriculture in Namibia.
- MAWRD. 1996: Overview of Horticultural Production and Marketing in Namibia. April 1996.

---

[Sumario Revista No.12](#)